

El Conocimiento Geopolítico de José Marini e a Geopolítica Clássica Revisitada: O Conceito de Geopolítica, o seu Objeto e Método de Estudo

Marisa Fernandes

Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Doutoranda em Ciências Sociais – especialidade de Estudos Estratégicos – no ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa.

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre os capítulos três e quatro da obra *El Conocimiento Geopolítico* do argentino José Felipe Marini “O objeto de estudo da geopolítica: o espaço geopolítico” e “O método geopolítico”.

A geopolítica clássica e alguns dos seus autores – tais como Rudolf Kjellen (1864-1922), Halford John Mackinder (1861-1947), Karl Haushofer (1869-1946) e Friedrich Ratzel (1804-1904) – é igualmente revisitada e contextualizada quanto à origem e evolução da geopolítica, seu objeto e método.

Abstract

This article presents a reflexion about the third and fourth chapters of the book “El Conocimiento Geopolítico” of the Argentinean José Felipe Marini: “The object of study of geopolitics: the geopolitical space” and “The geopolitical method”.

The Classical Geopolitics and some of its authors – such as Rudolf Kjellen (1864-1922), Halford John Mackinder (1861-1947), Karl Haushofer (1869-1946) and Friedrich Ratzel (1804-1904) – is also revisited and contextualized concerning the origins and evolution of geopolitics, its object and methodology.

Breve Enquadramento Introdutório

O presente estudo que aqui se apresenta pretende constituir-se como uma reflexão aos capítulos três e quatro da obra *El Conocimiento Geopolítico* (1985) de José Felipe Marini, intitulados “O objeto de estudo da Geopolítica: o Espaço Geopolítico” e “O método geopolítico” respetivamente.

Adotando uma perspectiva analítica descritiva, optou-se por uma investigação maioritariamente qualitativa, recorrendo quer a fontes primárias (como os textos de José Felipe Marini, Friedrich Ratzel, Halford John Mackinder, e Karl Haushofer), quer a fontes secundárias (entenda-se, neste sentido, a análise de outros autores feitas relativamente aos autores da geopolítica clássica).

Quanto à estrutura, este estudo encontra-se dividido em duas partes essenciais. Na primeira parte “o conceito de geopolítica” procuraremos demonstrar a partir de Marini quais as razões para a ausência de consenso na definição de “geopolítica”, seguindo depois para uma breve abordagem daquela que consideramos ser a origem e o desenvolvimento do termo “geopolítica”; as bases da geopolítica na geografia política de Friedrich Ratzel (1844-1904); o criador do neologismo “geopolítica”: Rudolf Kjéllen (1864-1922); o autor do principal texto fundador da geopolítica: Halford John Mackinder (1861-1947); e por fim, o mentor da geopolítica como ciência: Karl Haushofer (1869-1946). Após esta passagem pelos principais nomes da geopolítica clássica, regressaremos à nossa obra de partida para esta reflexão com a definição de geopolítica de José Marini em *El Conocimiento Geopolítico*. Aqui debruçar-nos-emos sobre o objeto de estudo da geopolítica: a ideia de espaço geopolítico e seus fatores de influência.

Na última parte deste artigo atentaremos primeiro às etapas do método de estudo da geopolítica, proposto em Marini, apresentando em seguida os dois métodos geopolíticos: o determinismo e o possibilismo; terminamos com os instrumentos de estudo e análise utilizados pela geopolítica, em que se destacam o papel da cartografia e das viagens.

Em essência, aquilo que pretendemos com esta reflexão é contribuir para uma maior clarificação do que é efetivamente a geopolítica (uma ciência e uma *praxis*), para que serve, como se estuda a geopolítica em termos metodológicos, qual o seu objeto e quais os principais instrumentos de estudo e análise utilizados pela geopolítica, de acordo com a visão apresentada por Marini. Entendemos que só compreendendo o passado e os autores clássicos é que poderemos estar melhor capacitados para analisar o presente e antever – de algum modo – o futuro do espaço geopolítico, através dos autores contemporâneos e de nós próprios.

O Conceito de “Geopolítica”: Ausência de Consenso na Definição de “Geopolítica”

José Felipe Marini (1985: 39-40) começa por salientar a necessidade de compreendermos a geopolítica através da sua definição. Contudo, esta acaba por ser uma tarefa complexa, dada a inexistência de consenso entre as várias definições de geopolítica que foram surgindo (e continuam a surgir) ao longo do tempo.

Na origem desta falta de consenso, encontram-se inúmeras razões. Em primeiro lugar, contam-se entre os estudiosos da geopolítica profissionais oriundos de diversas áreas e formações académicas:

- geógrafos, como foi o caso de Friedrich Ratzel (1804-1904), que embora tenha sido um geógrafo político, acabou por ser responsável pela introdução e definição de muitos dos termos depois utilizados no desenvolvimento do pensamento geopolítico alemão, entre as duas Grandes Guerras Mundiais, em particular o conceito de *lebensraum* (espaço vital), depois adaptado segundo a fórmula *blut und boden* (sangue e solo), a ideia do Estado como organismo vivo ligado ao solo: “a simbiótica relação existente entre o *boden* (solo) e o *bolks* (povo) confere ao Estado uma natureza orgânica, própria de um organismo vivo. Enquanto tal, o Estado possui órgãos e, de entre estes, Ratzel destacou a importância da *brenze* (fronteira), descrita como a pele do Estado” (Fernandes, 2009: 39). Ou ainda o *raumsinn* (sentido do espaço) “relaciona-se com a aptidão natural dos povos para a organização e gestão do próprio meio habitado e do respeitante Estado, culminando no predomínio de uns sobre os outros” (Dias, 2005 em Fernandes, 2009: 39);
- Halford John Mackinder (1861-1947) a quem coube a autoria do texto fundador da geopolítica *The Geographical Pivot of History* (1904), sem nunca ter feito uso do vocábulo “geopolítica” nos seus trabalhos;
- militares como Karl Haushofer (1869-1946), por exemplo, que foi o mentor do aparecimento da geopolítica na Alemanha, no pós Primeira Guerra Mundial, embora se tenha doutorado posteriormente em geografia em 1913, e participou na Primeira Guerra Mundial, tendo sido durante este conflito que conheceu a obra de Rudolf Kjellén, entusiasmando-se com a ideia por este defendida de uma *Großdeutschland* (Grande Alemanha) (Fernandes, 2009: 72);
- juristas, como foi o caso do sueco Rudolf Kjellén (1864-1922), tido como responsável pela criação do termo “geopolítica”;
- políticos, como foi o caso de Henry Kissinger (1923-...), ao utilizar o termo “geopolítica” associado ao realismo político, durante a década de 70, aquando das suas análises sobre conflitos internacionais (Fernandes, 2009: 14);
- e filósofos.

Em segundo lugar, há uma tendência manifesta e desacertada em associar e manter a geopolítica dentro do âmbito da geografia, quando a geografia é uma ciência surgida com uma organização e estrutura efetivas entre os séculos XVI e XVIII, e a

geopolítica outra ciência autónoma e independente, surgida apenas no século XX. Enquanto “geratriz básica do poder”, a geografia é a ciência que se dedica ao estudo do Espaço, uma preocupação humana indissociável das evoluções económicas, culturais e políticas. Por sua vez, como defendeu Werner Cahnman (Bessa e Dias, 2007: 27) a geopolítica pertence mais ao reino da ciência política ou da sociologia política, do que propriamente ao da geografia. Trata-se de uma ciência da política, tal como advogou o criador sueco do termo, envolvendo o estudo da atividade humana na sua relação com o espaço (Fernandes, 2009: 15).

Neste contexto, será igualmente conveniente distinguir a geografia política da geopolítica. E, para isso, recorreremos à sintetização apresentada por Correia (2004: 107), segundo a qual: a geografia política ocupa-se do estudo da influência do meio geográfico “na formação das entidades políticas”; e a geopolítica, no seu sentido clássico, preocupa-se em estudar essa mesma influência “como justificação ou em proveito do poder, do domínio de um Estado sobre outros, da hegemonia de uma entidade política num determinado espaço”.

Em terceiro lugar, a maioria dos autores prefere abordar temas geopolíticos pragmáticos. Daí que se verifique, também, a inexistência de textos de carácter teórico que clarifiquem a geopolítica quanto à sua natureza, ao seu objeto de estudo, à sua metodologia e à sua terminologia. Aliás, destaca-se igualmente o desenvolvimento tardio de certas categorias teóricas do conhecimento geopolítico.

Marini aponta, de igual modo e em quarto lugar, a renitência dos autores franceses e ingleses em aceitar a geopolítica como um conhecimento autónomo, até aos finais da década de 40, o que se ficou a dever à associação feita, durante muito tempo, entre a geopolítica tida como *Geopolitik* alemã e a “política expansionista” do III Reich de Adolf Hitler. No entanto, “Haushofer esteve preso, teve o filho Albrecht morto pela Gestapo e acabou por se suicidar, juntamente com a mulher, de origem judia, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Aconselhou Hitler a não invadir a URSS”. O governo de Hitler optou exatamente por fazer o contrário, divergindo do aconselhamento geopolítico de Haushofer, motivado por razões ideológicas, militares, económicas, ou porventura até estratégicas. Assim, como concluímos anteriormente, “a influência da geopolítica no papel desempenhado pela Alemanha na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais reduz-se ao facto de ser aos governos que, pese embora toda a instrução e educação científica fornecida quanto às relações entre o espaço e o poder, cabe a decisão e ação política” (Fernandes, 2009: 110). Por fim, destaca-se a campanha de descredibilização da geopolítica, que acreditamos ter começado um pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1942, com a publicação de diversos trabalhos da autoria de imigrantes oriundos da Europa Central, radicados então nos EUA, como foram os casos de Hans Weigert e a sua obra *Generals and Geographers: The Twilight of Geopolitics* e o de Robert Strausz-Hupé, com o seu trabalho *Geopolitics: The Struggle for Space and Power*, entre outros

(Fernandes, 2003: 20). Originalmente mediático, o processo em causa estendeu-se, posteriormente, ao meio académico e científico com Isaiah Bowman, entendido como expoente da geografia norte-americana da primeira metade do século XX. Quando espontaneamente os *media* o apelidaram de “Haushofer americano” reagiu com a publicação de um artigo na *Geographical Revue*, em outubro de 1942, intitulado *Geography versus Geopolitics*. Neste artigo, defendeu que a geopolítica representava uma visão distorcida das relações históricas, políticas e geográficas do mundo e das suas partes, sendo que os argumentos da geopolítica tal como eram desenvolvidos na Alemanha serviam apenas para sustentar o caso da agressão alemã (Fernandes, 2003: 22).

Isaiah Bowman desmarcou-se assim da geopolítica, cuja palavra até evitava usar. Também Hans Morgenthau, em 1948, considerou a geopolítica como uma pseudociência. Fê-lo, porém, tal como Bowman não relativamente à geopolítica como um saber em geral, mas sim em relação a uma visão particular da geopolítica, a *Geopolitik*, ou seja, a geopolítica do *III Reich* (Fernandes, 2002: 23).

Com o fim da Guerra Fria e o maior distanciamento temporal face à Segunda Guerra Mundial, verificou-se a entrada na denominada segunda vaga da geopolítica, caracterizada por uma reintrodução do termo. Considera-se, esta, uma “Nova Geopolítica” que, por isso mesmo, se encontra ainda em formação e desenvolvimento. São de referir Yves Lacoste, Michel Korinman, Pierre Marie Gallois, Paul Claval, François Thual e Alexandre Del Valle, como alguns dos principais responsáveis pelo surgimento de outras publicações europeias sobre geopolítica, a partir da década de 90. Nos EUA, a reutilização do termo começou com Henry Kissinger, tanto no meio académico e político como nos meios de comunicação social. Daí que se tenha assistido, a partir de então, ao uso desbragado e banalizado do termo, sobretudo nos *media*, utilizando-se a palavra “geopolítica” sempre que se pretende conferir estatuto e relevo a um acontecimento da cena internacional.

No caso português, é de referir o papel desempenhado por Luís Fontoura, António Marques Bessa, Políbio Valente de Almeida, entre outros nomes como o de Adriano Moreira, Borges de Macedo, Loureiro dos Santos, Pezarat Correia, Araújo Geraldês, François Martins, ou Virgílio de Carvalho, neste trabalho de recuperação da Escola Geopolítica Portuguesa (Nogueira, 2007: 14-15), mantido nas academias e institutos das Forças Armadas e no atual Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Bessa & Dias, 2007: 13-14). Em 2005, verificou-se em Aveiro a constituição do Centro Português de Geopolítica, que passou a contar a partir de 2007, com a publicação da revista *Geopolítica*, tendo neste momento como presidente Carlos Mendes Dias.

A propósito desta considerada existência de uma “Nova Geopolítica”, Correia (2004: 248-249) refere que a mesma se distingue da geopolítica clássica, que “assenta na gestão do poder a duas dimensões, o espaço e o tempo”, por possuir, essen-

cialmente, três dimensões (a que futuramente se poderão acrescentar outras): a primeira centrada nas questões ambientais e ecológicas, conhecida como ecopolítica; a segunda respeitante ao fenómeno demográfico, definida como demopolítica; e a terceira tendo como principal objeto a economia, designando-se de geoeconomia. O aparecimento desta “Nova Geopolítica” é uma consequência do pós Guerra Fria e da nova ordem mundial daí surgida, envolvendo uma nova ordem na Terra (âmbito da ecopolítica); uma nova relação Norte-Sul (âmbito da demopolítica); e uma nova ordem económica internacional (âmbito da geoeconomia), encontrando correspondência com um novo conceito de Segurança, multidimensional, por em virtude do fenómeno da globalização incluir não apenas a segurança estatal, como também “a segurança do meio, humano e ambiental”. Este novo conceito de segurança encontra-se, de igual modo, associado às três dimensões características da “Nova Geopolítica”: na ecopolítica, à preservação do ambiente, na demopolítica, à garantia da equidade e na geoeconomia, à promoção do desenvolvimento.

A Origem e Desenvolvimento do Termo “Geopolítica”

As Bases da Geopolítica na Geografia Política de Friedrich Ratzel (1804-1904)

Formado em farmácia e em zoologia, Friedrich Ratzel (1844-1904) entregou-se aos estudos da geografia, tornando-se professor desta cadeira no ano de 1876, após a sua viagem aos EUA em 1873 ¹, na Universidade Técnica de Munique e, seguidamente, na Universidade de Leipzig, em 1886.

Integrando o movimento intelectual que encarava a geografia como uma ciência fulcral para o entendimento do Estado como entidade política, Friedrich Ratzel foi um dos principais responsáveis pelo surgimento da geografia política enquanto teoria capaz de explicar a cultura, sobretudo a política, em função do meio físico (Almeida, 1990: 104).

Todavia, será de referir que começou pela geografia humana com a sua *Antropogeographie* (Antropogeografia), publicada em 1882, que procurando estudar os mecanismos de interação entre a natureza e as comunidades humanas, serviu de base à *Politische Geographie* (Geografia Política) editada em 1897 pela primeira vez, constituindo-se como a mais completa adequação de conhecimentos geográficos à evolução das sociedades políticas. Ratzel sonhava ser o conselheiro do príncipe, aquele que contribuiria para a formulação justa da política (Defarges, 2003: 76),

1 É também no seguimento da sua viagem aos EUA, realizada um ano depois de ter conhecido a Itália, que publicou a sua primeira obra completa: *Die Vereinigten Staaten von Nord-Amerika* (Os EUA da América do Norte), em 1878-1880, antecedida por *Städte- und Kultur Bilder aus Nord-Amerika* (Quadros das Cidades e da Civilização da América do Norte) (Korinman, 1990: 33).

para uma fundamentação espacial das suas decisões, mediante o desenvolvimento de um *geographischer sinn* (sentido geográfico) (Korinman, 1990: 37). Assim, com a sua *Politische Geographie* pretendeu fornecer um instrumento para os dirigentes prussianos, constituindo-se esta como uma teoria da questão do Poder do Estado e das respetivas formas territoriais (Lorot, 1995: 14).

No entanto, a verdadeira importância de Ratzel apenas se veio a sentir já depois da sua morte, servindo a sua geografia política de inspiração à “Escola de Geopolítica de Munique” e ao seu mentor, Karl Haushofer.²

A influência de Ratzel em Haushofer verificou-se igualmente através da publicação de três textos: *Der Deutsche Lebensraum* (O Espaço Vital Alemão); *Lebensraum* (Espaço Vital); e *Lebensraum der Deutschen als Politische Aufgabe* (O Espaço Vital dos Alemães enquanto Tarefa Política), que mais pareciam traduções dos cabeçalhos do capítulo de *Politische Geographie* (Korinman, 1990: 273). Daqui se denota, por conseguinte, o recurso ao conceito de *Lebensraum*, utilizado na Alemanha pela primeira vez por Friedrich Ratzel, segundo o qual os diferentes Estados enquanto organismos vivos se encontram em permanente luta pela sobrevivência na busca de mais espaço, necessário à sua realização e desenvolvimento enquanto seres políticos. Seguindo a lógica de aplicação das leis de seleção natural, só resistem os Estados mais fortes que, deste modo, expandem o seu *lebensraum*.

O Criador do Neologismo “Geopolítica”: Rudolf Kjéllen (1864-1922)

O aparecimento do termo geopolítica – criador de uma ciência autónoma, com um objeto próprio e distinto do da geografia política – ficou a dever-se a Rudolf Johan Kjéllen (1864-1922), um professor e geógrafo seguidor de Ratzel, um sueco, germanófilo³ à semelhança de Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) e Houston Cham-

2 Otto Maull, em 1928, considerou Ratzel como o “pai da geopolítica” (Murphy, 1997: 7 e 12); e Haushofer referia-se mesmo a Ratzel, de todas as vezes que se exprimia em público. Num texto de 1924, *Das Wissen von der Grenze des Deutschen Volkes* (O Saber sobre as Fronteiras do Povo Alemão), Haushofer mencionou o mérito das ideias de Ratzel no respeitante à questão das fronteiras, pois estas são um fenómeno vital, sempre evolutivo e, portanto, temporário, no sentido em que este evolucionismo tem de positivo e de eterno. Ratzel pretendia dar a compreender a história do mundo aos dirigentes alemães, para que estes fossem capazes de gerir melhor a política do *Reich*. Neste contexto, Haushofer transformou Ratzel no especialista do *Raum* (espaço) germânico, como no seu livro *Grenzen in ihrer Geographischen und Politischen Bedeutung* (As Fronteiras no seu Significado Geográfico e Político) publicado em 1927 (Korinman, 1990: 272 e 273), a teoria organicista do Estado de Ratzel foi utilizada para argumentar contra o “erro geográfico” que o Tratado de Versalhes constituía (Tuathail, 2006: 23 e 24).

3 Tendo em conta a nova ordem de escolhas na Europa, e dada a situação em que se encontrava a Suécia, Kjéllen virou-se para a Alemanha, então ávida de espaço e de poder, de modo a que entre Berlim e Estocolmo se estabelecesse uma sólida relação, fundada sobre um mesmo

berlain (1885-1927)⁴, que descobriu no início do século XX uma nova disciplina política que se ocupava do estudo político do território do Estado. Para Kjéllen, “*la Geopolítica es la teoría del Estado en cuanto a organismo geográfico o en cuanto a fenómeno en el espacio: es decir, en cuanto al Estado como país, territorio, suelo, o, de una manera más característica, como império*” (Marini, 1985: 41).

A sua obra mais importante, *Staten som Lifform* (O Estado como Forma de Vida), originalmente redigida em sueco e terminada em 1916, foi traduzida para alemão em 1917, tendo sido publicada na Alemanha em 1924, por Kurt Vowinckel, editor da *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica). Kjellén antecipou os métodos dos geopolíticos da Escola de Munique, entendendo a geopolítica como um guia prático para a ação política, um *Wegweiser* (guia prático para a ação política), à semelhança daquela que seria a perspectiva de Haushofer.

O Autor do Principal Texto Fundador da Geopolítica: Halford John Mackinder (1861-1947)

No entanto, se a origem do termo remonta a Kjéllen, foi ao britânico Halford John Mackinder (1861-1947) que coube a autoria do principal texto fundador da geopolítica moderna, *The Geographical Pivot of History* (1904), tema da sua conferência na Sociedade Real de Geografia, em Londres, sem que nunca tenha feito uso do vocábulo geopolítica nos seus trabalhos.

interesse: manter a Rússia “em respeito” (Correia, 2004: 134). Apoiando também o projeto de *Mitteleuropa*, seria preciso que a Alemanha se estendesse de Oise à Ucrânia, do litoral russo do Báltico à Suíça e ao Bósforo. Englobando o Império Austro-Húngaro, a Roménia, a Bulgária e também a Turquia, o império alemão poderia igualmente avançar em direção à Mesopotâmia por um lado, ao Egito e ao Sudão pelo outro. Só então, a Alemanha ocuparia o lugar ao sol que lhe era devido (Gallois, 1990: 218).

- 4 Germanófilos mas não germânicos: Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) no seu *Ensay sur l'inégalité des Races Humaines* (Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas) de 1865, defendia um racismo biológico explicando o destino dos povos, a ascensão e a queda dos impérios através da desigualdade racial, e da superioridade da raça caucasiana na qual incluía os germânicos (Correia, 2004 em Fernandes, 2011: 266), uma raça de elite que conservava a beleza, a força, a inteligência e a superioridade da expressão verbal (Gallois, 1990 em Fernandes, 2001: 234 e 235); e Houston Chamberlain (1885-1927), em *The Foundation of the 19th Century* (Os Fundamentos do século XIX) (1899), acreditava que o futuro da Europa e do mundo se encontrava na Alemanha, uma vez que esta se caracterizava por uma força expansiva manifesta em todos os domínios. Ambos fomentaram a tese da superioridade do povo germânico, da sua raça, do seu sangue, da sua língua, da sua cultura.
- 5 Tradução da autora: “a Geopolítica é a teoria do Estado enquanto organismo geográfico ou enquanto fenómeno no Espaço: isto é, enquanto Estado como país, território, solo, ou, de maneira mais característica, como império” (Marini, 1985: 41).

Neste seu texto, Mackinder associa o *Heartland*⁶ à então designada área pivot da História. Tratava-se de uma enorme massa continental dominante (Parker, 1985: 17), situada na Eurásia, entre a Europa Oriental e a Sibéria, contendo muitas matérias-primas necessárias à industrialização como o ferro, o carvão ou o petróleo, o que lhe permitiria tornar-se no centro do poder mundial. Porém, nesta zona central predominam os difíceis acessos, tratando-se de uma extensa área de clima rigoroso, características que acabam por lhe garantir a capacidade de defesa.

Esta massa continental encontrava-se rodeada por dois anéis concêntricos: o primeiro anel, o crescente interior constituído por desertos e mares (Atlântico, Saara, Península Arábica, Índico), que a separa do segundo anel, o crescente exterior, constituído por ilhas e continentes (Ilhas Britânicas), passíveis de serem controlados pela potência marítima (Américas, Austrália, Oceânia). Possuía uma abertura a Ocidente, o istmo entre os mares Báltico e Negro.

Em 1919, a massa continental dominante passou a corresponder à Eurásia e à África, a Ilha Mundial, controlada pelo *Heartland*, que seria disputado entre a Alemanha e a União Soviética, já que a chave do controlo do *Heartland* seria a Europa Oriental. “Quem controlar o *Heartland*, controla a Ilha Mundial; e quem controlar a Ilha Mundial, controla o Mundo” (Santos, 2008: 34).

Em 1943, em *The Round World and the Winning of the Peace*, a teoria do *Heartland* foi novamente atualizada, tendo sido introduzido o conceito de *Midland Ocean* (o Atlântico Norte e os mares adjacentes). Lutando em duas frentes simultaneamente, a Alemanha capitularia, sendo que uma nova potência terrestre surgiria no fim da guerra, a União Soviética⁷. Neste sentido, a atualização de Mackinder chamava a atenção para a necessidade de existir uma cooperação entre os EUA, o Reino Unido e a França – o que em 1949 se veio a consubstanciar no aparecimento do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)⁸, por forma a conter o avanço da “ameaça soviética” na Europa.⁹ Uma cooperação que primeiramente deveria ser feita também com o quarto vencedor, a Rússia, o que se concretizou através da ocupação de Berlim por estes quatro Estados e na sua “divisão” em áreas de influências, que em fim último culminariam com a construção do Muro de Berlim a 13 de agosto de 1961

6 Termo a que se referiu, em *The Round World and the Winning of the Peace* como tendo sido usado acidentalmente e por uma única vez na sua comunicação em 1904. *Heartland* era, pois, um termo descritivo e não técnico.

7 Esta situação consubstanciou-se no pós-Segunda Guerra Mundial, mediante a criação de dois blocos. Por um lado, o do Pacto de Varsóvia e, pelo outro, o da NATO.

8 Para além dos EUA, do Reino Unido e da França, encontram-se entre os membros fundadores da OTAN: a Bélgica, o Canadá, a Dinamarca, a Islândia, a Itália, o Luxemburgo, a Noruega, os Países Baixos e Portugal.

9 A que a União Soviética respondeu, em 1955, com a criação do Pacto de Varsóvia como contraponto à OTAN.

e a separação da Alemanha entre a República Federal da Alemanha sob tutela dos EUA, Reino Unido e França e a República Democrática da Alemanha controlada pela União Soviética.

Mackinder foi um dos primeiros teóricos a prever a ascensão de uma potência continental (a Alemanha ou a União Soviética), capaz de se tornar igualmente uma potência naval e rivalizar com a Grã-Bretanha a hegemonia dos mares, antecipando a luta entre a Alemanha e União Soviética pelo controlo do *Heartland* (Santos, 2008: 36) que viria a acontecer, em 1941, com a invasão alemã da União Soviética, na conhecida Operação *Barbarossa*.

O Mentor da Geopolítica como Ciência: Karl Haushofer (1869-1946)

Tendo entrado para o exército bávaro em 1887, Karl Haushofer (1869-1946) tornou-se oficial em 1889. Estudou topografia e geografia¹⁰ (bem como geologia). Entre 1908 e 1910, ficou a conhecer os espaços da Ásia e do Pacífico. Deslocou-se ao Japão¹¹ (Almeida, 1990: 119; Parker, 1985: 57), no mesmo período, a fim de desempenhar funções de conselheiro como instrutor de artilharia e também para estudar o próprio exército japonês. Foi aqui que se deu o nascimento da sua vocação pela geopolítica (Losano, 2007: 229).

Doutorou-se em geografia em 1913¹², sendo que, em 1914, participou na Primeira Guerra Mundial (Losano, 2007: 229 e 230). Durante a guerra, conheceu a obra de Kjellén, entusiasmando-se com a ideia, por este defendida, de uma grande Alemanha (Gallois, 1990: 257). Com o fim da guerra, regressou à vida académica, tendo-se dedicado nos anos subsequentes ao ensino da geografia na Universidade Técnica de Munique¹³.

Efetivamente, o aparecimento da geopolítica enquanto ciência surgiu na Alemanha com Karl Haushofer e a Escola de Munique em 1924, aquando da publicação de uma nova revista, a *Zeitschrift für Geopolitik*, cujo corpo teórico se fundaria a partir dos pensamentos de Friedrich Ratzel e de Rudolf Kjellén (Fernandes, 2009: 66).

10 Tida como uma ciência indispensável à estratégia (Gallois, 1990: 257).

11 Com ideias formadas a partir da leitura que fizera de Ratzel (Losano, 2007: 226). Viajou também, em 1909 e 1910, pela Sibéria, pelo norte da China, pela Manchúria, e pela Coreia, o que lhe proporcionou um profundo conhecimento (Almeida, 1990: 119),

12 Com uma tese sobre a influência alemã no desenvolvimento do Japão (Tuathail, 2006: 23), quanto à abertura geográfica do Japão e do espaço continental sub-japonês e ao alargamento desta abertura sob influência da guerra e da política militar (Haushofer, 1986: 47), Haushofer obteve o título de Doutor, influenciado pela mulher que o incentivara a falar com Erich von Drygalski (1865-1949), um amigo geógrafo e professor universitário, e a averiguar a possibilidade de obter um doutoramento (Losano, 2007: 230).

13 Onde teve Rudolf Hess (1894-1987) como aluno.

Para Haushofer, um dos expoentes máximos da geopolítica (Haushofer em Tuathail, 2006: 53), “as grandes ligações vitais do homem de hoje no espaço de hoje” constituem o objeto de estudo da geopolítica, cuja finalidade é “a inserção do indivíduo no seu meio natural e a coordenação dos fenómenos que ligam o Estado ao espaço” (Haushofer, 1986: 25).

O ensino da geopolítica, uma ciência exata, implica ter um conhecimento de experiência prática sendo que a geopolítica deve ser estudada com uma visão presente e futura, em contraste com a política encarada mais em termos de história morta do que em termos de ciência viva, numa visão retrospectiva que conduz à perda do contacto com o futuro. Foi por esta razão que a Alemanha foi deixada de fora do realinhamento do mundo, aquando da sua ocorrência na viragem do século (Haushofer, 1942 em Tuathail, 2006: 41).

Na visão de Haushofer, “*la géopolitique, discipline engagée, doit servir les desseins d’un Mitteleuropa vaincu, quitte à en tirer plus tard, le cas échéant, des conclusions d’ordre plus philosophique. Le général-géographe tranche : ‘À nos dirigeants, en effet, d’acquérir au minimum les instruments qui leur permettront d’opérer une sélection dans le champ des possibles. Les études géopolitiques (...) les leur fourniront.’*” (Korinman, 1990: 157).

Por conseguinte, o saber geopolítico é prospetivo, uma vez que todo o estudo de geopolítica deve propor aos políticos, aos militares e aos financeiros orientações úteis no momento em que têm de escolher entre várias alternativas que lhes condicionarão o futuro (Korinman, 1990: 157). Aliás, dado o dinamismo inerente à geopolítica, Haushofer recusou a publicação de um manual, considerando que tal poderia dificultar as aplicações práticas deste saber (Haushofer, 1986: 25).

Haushofer atribuiu ainda ao saber geopolítico o poder da racionalização: “*La géopolitique prend la place de la passion politique, une évolution conforme aux lois de la nature donne une forme nouvelle aux créations de l’arbitraire d’une volonté humaine déchâinée. La nature, chassée par l’épée ou la fourche, reprend ses droits sur la surface et à la face de la Terre. C’est la géopolitique!*” (Gallois, 1990: 262).

Por fim, e sem aprofundarmos muito o pensamento de Haushofer pois não é este o nosso objetivo neste estudo, destacamos o seu conceito de *lebensraum* que consistia na “capacidade de um determinado espaço geográfico para atender às necessidades da sociedade humana (etnologicamente diferenciada) que o habita” (IAEM, 1982 em Dias, 2005: 128). Tal interpretação deve-se ao facto de Haushofer, um pan-germanista, ser adepto da concretização da ideia de *Großdeutschland*, já defendida por Ratzel e pelo sueco Rudolf Kjellen, que reunisse num mesmo espaço e corpo único todos os povos de língua e cultura germânicas (Haushofer, 1986: 127), de acordo com a fórmula já mencionada de *Blut und Boden*. Mas tal não se constituía como um fundamento de uma política de expansão da Alemanha. Foi preciso que a política de Hitler se apoderasse do termo para converter o *lebensraum* em irredentismo nacionalista e autarquia económica, uma justificação dos desígnios de

expansão territorial Nacional-Socialista (Almeida, 1990; Vives, 1972 em Fernandes, 2009: 102) consubstanciados no *Anschluss* (anexação) da Áustria, a que se seguiram as invasões da Checoslováquia e da Polónia – uma concretização do ideário haushoferiano transformado segundo a *Weltanschauung* (projeto de remodelação da Europa baseado na hierarquia das raças¹⁴) Hitleriana (Fernandes, 2009: 102).

A Definição de Geopolítica de José Marini em “El Conocimiento Geopolítico”

A propósito ainda da definição de geopolítica, e tendo já verificado o que defendiam os autores clássicos, regressamos a Marini (1985: 40), que considera essencial identificarmos qual o campo específico de investigação da geopolítica – de forma a podermos obter uma definição aceitável desta –, que mais não é do que “*el espacio donde se desarrolla la política en su plenitud integral (...)*”¹⁵ e, mais adiante, continua “*Un espacio visto desde tal ótica es un área política por excelencia que se lo analiza desde el pasado, para proyectarlo hacia una intención política en el futuro*”¹⁶. Este é, então, o chamado espaço geopolítico, termo enunciado pela primeira vez, em 1965, por Fernando Solano Costa (1913-1992).

Ao interessar-se pelo estudo do espaço onde se desenvolve a política na sua plenitude integral, a geopolítica assume-se como um conhecimento simultaneamente integrador (inclui, assim, as múltiplas manifestações geográficas, políticas, sociais, económicas, culturais e históricas do espaço em análise) e interdisciplinar, embora por essência seja um saber político. A geopolítica analisa o valor e as possibilidades de um dado espaço – que poderá ser um Estado ou apenas uma região, por exemplo – em função do seu interesse político (Marini, 1985: 40, 41 e 45). Por conseguinte, podemos afirmar que – enquanto disciplina autónoma da ciência política – a geopolítica tem as mesmas características desta: é teórica e pragmática.

Em síntese, para Marini (1985: 44), a geopolítica é a ciência (ou seja, um conhecimento sistematizado, autónomo, com um campo próprio de verdade e uma terminologia exclusiva) que estuda as mútuas relações, influências e interações entre o Estado e o espaço, tendo como finalidade proporcionar conhecimentos ou soluções de carácter político. E – quanto a estas relações, influências e interações entre o Estado e o espaço – é de referir que a geopolítica é composta tanto por um património teórico (que se reflete na existência de normas, princípios, hipóteses, doutrinas,

14 Tradução livre da autora.

15 Tradução da autora: “o espaço onde se desenvolve a política na sua plenitude integral.” (Marini, 1985: 40).

16 Tradução da autora: “Um espaço, visto sob este ponto de vista, é uma área política por excelência que analisa desde o passado, para se projetar numa intenção política até ao futuro.” (Marini, 1985: 40).

teorias, entre outros), como também lhe é subjacente um caráter pragmático (relacionado com a possibilidade da geopolítica – enquanto guia de análise para ação política – influir na formulação de uma política interna ou externa, em que o Estado enquanto sujeito da política tem um duplo papel: é protagonista e destinatário).

No Objeto de Estudo da “Geopolítica”

A Ideia de “Espaço Geopolítico”

O espaço geopolítico corresponde, assim, à área geográfica em que atuam simultaneamente os fatores geográficos (responsáveis por proporcionar informação básica do estudo do espaço) e políticos (relacionados com uma interpretação política obtida a partir dos fatores geográficos) que tornam uma situação geopolítica passível de estudo ou resolução (Marini, 1985: 45).

Para que o espaço interesse à geopolítica deve possuir significado político, uma relação ou um sentido para o Estado. Por outro lado, para que haja situação geopolítica, é indispensável que o problema político-territorial seja relevante. Neste sentido, a solução geopolítica do problema produz sempre modificações relevantes na paisagem geopolítica, ou transforma as relações de poder entre os Estados. Por exemplo, todas as guerras colocam em evidência uma luta pelo espaço e têm como consequência uma modificação do mapa político dos Estados participantes. Os protagonistas da situação geopolítica são os Estados que lutam pelo domínio do espaço (Marini, 1985: 47). E isto é notório aquando da invasão da Polónia pela Alemanha de Hitler em 1939 – momento em que a Grã-Bretanha e a França lhe declararam guerra, começando a Segunda Guerra Mundial. O que estava em causa era a vontade da Alemanha se tornar territorialmente uma *Großdeutschland* de acordo com a *Weltanschauung* hitleriana. Porque espaço é poder.

Mas também é segurança que se procura numa política espacial, tendo em vista a resolução das necessidades crescentes da população e o desempenho do Estado – no âmbito internacional – em função dos seus fins filosófico-políticos definidos. O espaço é “*inversa e simultaneamente sinónimo de constrangimento* (Defarges, 2003: 92). *Seja obra da natureza, seja fruto da ação do homem e dos instrumentos técnicos que vai colocando à sua disposição. O espaço modifica-se em função dos meios disponíveis* (Coutau-Bégarie, 2008: 796), e da capacidade de organização humana” (Fernandes, 2009: 27).

O espaço caracteriza-se, de igual modo, pela sua multiplicidade; pela sua variedade (os espaços geopolíticos variam em dimensão e forma); pela sua permanência (“só a terra permanece” e “não foge” (Bessa e Dias, 2007: 14 e 15), isto é, mudam-se as políticas e os políticos, mas o espaço enquanto espaço é sempre o mesmo); pela sua fluidez (Marini, 1985: 48).

Os Fatores de Influência

No espaço geopolítico atuam quase todos os fatores da geografia em geral, e em particular, os pertencentes à geografia física, humana, económica e política. Em conformidade com Pierre Célérier, estes fatores podem ser estáveis e variáveis (Marini, 1985: 48).

Entre os fatores estáveis, que são os que pertencem à geografia física, encontram-se:

- a extensão – que resultando da luta dos Estados pelo espaço na perspectiva Ratzeliana, oferece diferentes possibilidades ao Estado consoante o relevo, o clima, a água e a distância em relação ao mar; estes são fatores que determinam a fixação das populações num dado espaço dando origem ao *ecúmena*, em contraste com o *anecúmena*, isto é, zonas excessivamente inóspitas para serem habitadas pelo homem tais como zonas de grande altitude, grandes desertos, regiões excessivamente frias, ou bacias muito quentes e húmidas – a do Amazonas, por exemplo (Marini, 1985: 74 e 75);
- a posição – trata-se de um dos fatores de maior importância para a política externa de um Estado, uma vez que reflete os aspetos políticos dos seus permanentes interesses territoriais. A título exemplificativo, é por se encontrar na posição de enclave, ou seja, por ocupar uma posição continental central, e estando rodeada por outros Estados que a podem “ameaçar” que a Alemanha deveria ampliar o seu espaço, como começou por defender primeiro Ratzel (Marini, 1985: 83 e 84);
- a configuração – uma análise da configuração de um Estado no tempo, estudando a evolução das suas fronteiras, permite-nos conhecer não só as tendências geográficas prováveis, como também os objetivos políticos de conjuntura. As fronteiras, de acordo com Ratzel, exteriorizam o passado de um Estado e assinalam os seus potenciais problemas futuros (Marini, 1985: 109 e 115);
- a estrutura física – o meio físico compreende o clima e a estrutura física que, por sua vez, inclui a existência de água, o relevo, o solo, os minerais, a paisagem natural e cultural, constituída pelas redes de comunicações e transportes (Marini, 1985: 132).

Já, entre os fatores variáveis, encontram-se sobretudo:

- a população, envolvendo a relação desta com o meio físico, as questões demográficas com o conseqüente aumento e diminuição da população por sexos e idades, nível de educação e saúde;
- os recursos, ou seja, um conjunto de bens – económicos, de guerra, meios de transporte, entre outros – e atividades – financeiras, científicas e técnicas, laborais, entre outras – com significado económico, que permitem satisfazer necessidades vitais, culturais e políticas, sendo que a sua obtenção pode ser feita em território próprio ou alheio mediante a ação combinada do trabalho, do capital, da tecnologia, do comércio, da política e, até mesmo, da guerra.

A distinção aqui deve fazer-se também entre recursos renováveis, que são facilmente obtidos através da agricultura e da pecuária, e os recursos não renováveis como sejam o carvão ou o petróleo, de difícil localização e que, devido à ameaça do seu esgotamento, originam uma maior disputa pelo controlo dos locais em que estes se podem encontrar (Marini, 1985: 195-196);

- as estruturas sociais, económicas e políticas.

Simultaneamente e em paralelo à existência destes fatores encontram-se os denominados produtos de interação, como resultado da relação entre fatores geopolíticos estáveis e fatores geopolíticos variáveis. Embora não sendo fatores geopolíticos, os produtos de interação são disciplinas autónomas, ou acontecimentos que transformam o espaço (Marini, 1985: 229), como sejam:

- a História – importância de estudar o passado, para melhor compreender o presente e, de algum modo, perspetivar as possibilidades do futuro no que ao espaço geopolítico diz respeito. A História é onexo entre o passado e o futuro, sendo que o passado, presente e futuro são as três etapas temporais e espaciais que constituem a metodologia do estudo e interpretação política do espaço e da luta pela sua posse. De referir ainda é o facto de todos os geopolíticos recorrerem a acontecimentos históricos passados para clarificar e simplificar com casos práticos as teorias que compõem o seu pensamento geopolítico (Marini, 1985: 231-234);
- o sentido do espaço – relaciona-se com a aptidão natural dos povos para a organização e gestão do próprio meio habitado e do respeitante Estado, culminando no predomínio de uns sobre os outros (Dias, 2005: 70). Seguindo a lógica Ratzeliana, o sentido do espaço encontra-se diretamente relacionado com a luta pelo espaço num planeta finito, tendo como objetivo por um lado, o garante da sua sobrevivência no sistema internacional e, pelo outro, a expansão espacial e a aquisição de mais poder de forma a assim influenciar e impor aos demais a sua própria vontade. Deste modo, considera-se geralmente que a geopolítica é uma disciplina que estuda as implicações conflituais que o espaço pode acarretar nas relações internacionais, com destaque para as situações que conduzem à agressão, ao expansionismo, à hegemonia, aos imperialismos, entre outros. Contudo, a geopolítica não implica necessariamente o conflito, pois pode também existir uma geopolítica da paz, sendo aqui que se enquadram os processos de integração económica¹⁷ como é o caso da União Europeia (Marini, 1985: 235-245);
- a tecnologia – que permite transformar o emprego e a eficácia das armas; aumentar a influência dos fatores variáveis, reduzindo a importância dos fa-

¹⁷ Que, muitas vezes, são o ponto de partida para uma posterior integração política.

tores estáveis do espaço geopolítico – para dar um exemplo, é este o caso do clima; aumentar a capacidade humana para transformar a natureza – destaque-se o papel da revolução dos transportes e dos próprios meios de comunicação que permitem reduzir as distâncias espaciais em intervalos de tempo cada vez mais diminutos, modificar as relações de poder no âmbito internacional; e acentuar a estratificação e competência internacional (Marini, 1985: 127 e 255);

- a ideologia – entendida por Marini (1983: 278) como um sistema de valores, princípios e ideais que proporcionam apoio, uma perspectiva própria da história e do destino do homem e da estruturação da sociedade entre a teoria e a prática. Um exemplo relevante da importância deste produto de interação foi o período da Guerra Fria quando existiam dois blocos ideológicos em confronto: na esfera ocidental, o bloco liderado pelos EUA que se caracterizava por politicamente defender no essencial uma democracia pluripartidária, por economicamente ser adepto de uma economia de mercado/capitalismo, e militarmente ter constituído uma aliança militar ocidental própria, a OTAN e, na esfera oriental, o bloco liderado pela União Soviética que, ao invés, preferia politicamente uma democracia popular, economicamente o socialismo soviético¹⁸ e ter constituído uma aliança militar, o Pacto de Varsóvia, como resposta à criação da OTAN e à inclusão da República Federal da Alemanha nesta na década de 50;
- a política, os conflitos¹⁹ e a estratégia²⁰ – espaço é poder (de acordo com a lógica Ratzeliana) e este último constitui o objeto predominante da ciência política. Fundamental na história humana, o espaço foi, desde sempre, motivo de “desavenças entre indivíduos e grupos, levando inclusivamente a confrontos militares pela defesa de linhas fronteiriças” (Bessa e Dias, 2007: 64), o que é

18 E daí ter rejeitado usufruir, juntamente com os demais países que viriam a integrar o Pacto de Varsóvia (composto pela Albânia, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polónia, Roménia, Alemanha Oriental e União Soviética) – entenda-se que o Pacto funcionava como um instrumento de controlo político e militar realizado a partir de Moscovo aos Estados da Europa de Leste –, a ajuda financeira proporcionada pelos EUA a uma Europa destruída pelas duas Grandes Guerras Mundiais, o conhecido Plano Marshall (1947). Como resposta, aliás, a União Soviética criou o COMECON – Conselho para a Assistência Económica Mútua (integrado pela URSS, Alemanha Oriental, Checoslováquia, Polónia, pela Bulgária, Hungria, Roménia, Mongólia, Cuba e Vietname), em 1949.

19 Embora, a existência de conflitos não signifique necessariamente a presença de guerra.

20 Na definição proposta por Abel Cabral Couto (1988: 209), a estratégia é entendida como “a ciência ou arte de desenvolver e utilizar as forças morais e materiais de uma unidade política ou coligação, a fim de se atingirem objetivos políticos que sustentem, ou podem sustentar, a hostilidade de uma outra vontade política”.

visível tanto na Primeira como na Segunda Guerras Mundiais. Disputam-se, sobretudo, espaços cuja posse permite o controlo de elementos considerados como decisivos para o poder. Defarges (2003: 93-95) avança, neste sentido, com a apresentação de três tipos de fatores: a pertença a um sistema de trocas, a presença de recursos considerados vitais e, o valor simbólico de certos locais. Podendo ser uma das chaves da segurança, um ponto de apoio ou um trunfo, o espaço é inversa e simultaneamente sinónimo de constrangimento (Defarges, 2003: 92), seja obra da natureza, seja fruto da ação do homem e dos instrumentos técnicos que vai colocando à sua disposição. O espaço modifica-se em função dos meios disponíveis, em função da capacidade de organização humana, sendo essencial em qualquer guerra²¹, tanto como reservatório de poder, como no plano mais tático e profissional, como teatro de operações (Coutau-Bégarie, 2008: 794-796, 821 e 822).

O Método Geopolítico

As Etapas do Método de Estudo da Geopolítica Proposto em Marini

Trata-se de um método próprio destinado à análise do objeto de estudo da geopolítica, o espaço geopolítico. Este método decompõe-se em seis etapas:

- a compreensão do problema, que envolve uma interpretação do objetivo político no tempo e no espaço e o estabelecimento de uma missão ou tarefa;
- a análise dos fatores do espaço geopolítico, na sua relação entre si desde o passado até ao objetivo político ou problema a resolver, avaliando cada um destes fatores e a maior ou menor influência;
- a formulação de soluções possíveis;
- a análise das vontades opostas – quando no espaço geopolítico em estudo existem interesses coincidentes, diferentes e que se opõem entre si à resolução do problema ou à concretização de determinado objetivo;
- a determinação das soluções possíveis modificadas;
- e a seleção das soluções mais favoráveis (Marini, 1985: 53-55).

Dois Métodos Geopolíticos: o Determinismo e o Possibilismo

Existem dois métodos geopolíticos principais e distintos de análise: por um lado, o conhecido determinismo geográfico, que consiste fundamentalmente em enfatizar

21 Tratando-se de um instrumento de política externa, a guerra, pode ser entendida como “violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma potencialidade, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes do poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de possibilidades e azares.” (Couto, 1988: 148).

os fatores estáveis – e aqui encontram-se, a título exemplificativo, Friedrich Ratzel e Rudolf Kjéllen; e pelo outro, o chamado possibilismo humano, entendido como uma tendência oposta ao determinismo geográfico – como Paul Vidal de La Blanche (1845-1918).

O determinismo geográfico concentra-se sobretudo na importância do meio físico, como fator determinante das economias, do caráter dos povos, influente da história, e do modo como se forma e expressa o poder. Apresenta uma ideia de destino irreversível. No período áureo da ciência e da cultura germânicas – mais concretamente entre os finais do século XVIII e os inícios do século XX – foram vários os filósofos, biólogos, politólogos, juristas e escritores, que contribuíram para o desenvolvimento do nacionalismo alemão e para a consolidação desta corrente²². Há, inclusivamente, uma correspondência essencial entre aquela que é a identidade nacional alemã e o conceito de natureza (Opitz, 1998 em Fernandes, 2009: 19). Neste sentido, será de relembrar que Immanuel Kant (1724-1804), iniciador do idealismo alemão, o *Aufklärung*, era um defensor da ideia de que a história não é obra dos homens, mas sim da natureza que a determina (Kant em Gardiner, 2008: 29). Também Johann Herder (1744-1803) em Gardiner (2008: 43 e 47), um dos responsáveis pelas posições mais agressivas do germanismo na corrente “*Sturm und Drang*” (tempestade e impulso), partilhava a ideia de que “na Terra, acontece tudo [...] de acordo com a situação e as necessidades do lugar, [...] de acordo com as circunstâncias e as condições da época, [...] com o caráter nato ou adquirido dos povos. [...] A história da humanidade mais não é do que uma história natural das forças, das ações e das tendências humanas, subordinadas ao lugar e à época”. Friedrich Hegel (1770-1831), teorizador da história, explicada mediante um processo dialético, defendeu a base geográfica da história, uma vez que o território é determinante no caráter do povo: “O Estado, as suas leis, os seus planos, constituem os direitos dos seus membros; as suas características naturais, as suas montanhas, ar e água, são o seu país, a sua pátria, a sua propriedade material externa; a história deste Estado, os seus feitos; [...]. Tudo é propriedade deles, exatamente como eles são possuídos por tudo isso, porque isso constitui a sua existência, o seu ser” (Hegel em Gardiner, 2008: 82).

Porém, o determinismo não foi uma corrente exclusiva dos alemães, como o demonstra Charles de Montesquieu (1689-1755) em *L'Esprit des Lois* (O Espírito das Leis) de 1748, no seu livro décimo quarto acerca da influência do clima nas leis. Mas poderíamos ir mais além e recuar no tempo até Hipócrates (460-377 a.C.), Platão (428/427-348/347 a.C.) ou Aristóteles (384-322 a.C.), entre muitos outros (Gallois, 1990: 141-159).

22 Embora, seja de referir que nem todos os pensadores germânicos de então foram deterministas.

Contudo, muitos são os casos que demonstram uma superação da ideia do determinismo geográfico, destacando-se o caso do desenvolvimento tecnológico; a guerra ideológica; a acentuada divisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, estes últimos caracterizados por serem detentores de um atraso estrutural e educacional – incapacidade das elites –, dependentes do exterior, e tecnologicamente atrasados, ou seja, aspetos mais relevantes do que as questões geográficas por si só. Em oposição ao determinismo geográfico, surgiu em França com Vidal de Blanche o possibilismo humano ou determinismo social, conferindo uma maior importância à ação do homem sobre a natureza (não sendo, portanto, esta que determina as decisões nem o comportamento humano) que, perante as possibilidades que esta lhe oferece, escolhe quais as que deseja utilizar e adapta-as às suas necessidades. Por isso, de acordo com o possibilismo humano, o enfoque encontra-se essencialmente nas suas motivações e na sua capacidade de organização, bem como na tecnologia que o homem desenvolve e é capaz de desenvolver (Dias, 2005: 56 e 87; Marini, 1985: 58-60).

Os Instrumentos de Estudo e Análise Utilizados pela Geopolítica

Como toda a ciência, a geopolítica dispõe de um campo específico de conhecimentos: o espaço geopolítico; uma metodologia própria e uma terminologia exclusiva, o que contribuiu para que obtivesse autonomia dentro do conjunto das ciências políticas.

A Cartografia e as Viagens: Principais Desenvolvimentos até ao Nascimento da Geopolítica como Ciência

É de referir também a importância da cartografia, sem a qual seria inconcebível estudar a geopolítica, dada a impossibilidade, na sua ausência, de se proceder a uma fundamentação gráfica eficaz apoiada no espaço e na realidade geográfica. A realização de viagens assume, de igual modo, um papel fundamental no conhecimento do cenário geográfico e no enriquecimento cultural de um modo geral (Marini, 1985: 60-61).

A importância dos mapas verificou-se desde cedo, tendo sido Eratóstenes (275-194 a.C.), um bibliotecário de Alexandria, o autor de um dos mapas mais utilizados na Antiguidade²³, realizado cerca de 220 a.C.²⁴. Cláudio Ptolomeu (90-168), astróno-

23 Ainda que a autoria do primeiro mapa que se conhece pertença a Ga Sur (2500 a. C.) (Fontoura, 2006: 3).

24 Este mapa, baseando-se nas informações e observações trazidas pelos marinheiros, viajantes e astrónomos, representava a Bacia Mediterrânica, o Mar Negro, o Corno de África, a Península Arábica e o Golfo Pérsico.

mo e geógrafo de Alexandria, elaborou também, alguns séculos depois, um mapa que até ao século XVI assumiu um papel fundamental enquanto representação da Terra conhecida (Defarges, 2003: 23-24).

As descobertas de Cristóvão Colombo (c. 1437/1448-1506), Vasco da Gama (1469-1524) ou Fernão de Magalhães (1480-1521), entre outros, desencadearam uma série de mudanças, contribuintes para a evolução deste conhecimento do espaço físico. Assistiu-se de igual modo, a partir do século XIII, à utilização generalizada da bússola e à integração das descobertas realizadas nos mapas elaborados pelos cartógrafos de Génova, Veneza, Florença e Barcelona (Defarges, 2003: 24).

Em 1507, o geógrafo alemão Martin Waldseemüller (c. 1470-1522) publicou um mapa do mundo no qual fez menção a um espaço, situado a Oeste, distinto da Ásia e denominado de América. Também em 1569, o flamengo Gerhard Mercator (1512-1594) representou o mundo conhecido em conformidade com o seu sistema de projeção. Um ano depois, surgiu o primeiro grande atlas universal, da autoria do flamengo Abraham Ortelius (1527-1598) (Defarges, 2003: 24).

No ano de 1817, deu-se o aparecimento do primeiro atlas do mundo moderno, *Stieler*, como resultado do desenvolvimento dos caminhos-de-ferro e dos barcos a vapor, tendo aparecido igualmente os primeiros guias turísticos, e romances que como *Le Tour du Monde en Quatre-vingts Jours* (Volta ao Mundo em 80 Dias) (1873), de Jules Verne, davam a conhecer o mundo a qualquer pessoa (Defarges, 2003: 26-27). Assistiu-se ao nascimento das primeiras sociedades de geógrafos em Paris, em 1821, seguindo-se Berlim, em 1828, Londres, em 1830, a Rússia, em 1845, Nova Iorque, em 1852, organizando missões²⁵ e pesquisas, publicando livros e criando revistas. A geografia internacionalizou-se, na sequência do primeiro congresso realizado em Antuérpia, no ano de 1871. Em 1892, publicou-se a primeira bibliografia geográfica internacional e, em 1922, estabeleceu-se em Bruxelas a União Geográfica Internacional (Defarges, 2003: 25-26), dois anos antes do início da publicação da *Zeitschrift für Geopolitik* e do nascimento da geopolítica como ciência.

Conclusão

A geopolítica assume-se, como verificámos, como uma ciência, pois possui um objeto de estudo próprio – o espaço geopolítico – e tem uma metodologia própria, pois pode partir do determinismo geográfico, caso entendamos que são as características da natureza que influenciam o homem na sua relação com o espaço geopolítico, ou do possibilismo humano, se considerarmos que a natureza oferece um

25 No início do século XIX, os geógrafos são sobretudo viajantes que utilizam as viagens para acumular conhecimento sobre as diferentes regiões do globo. Este é, por exemplo, o caso de Alexander von Humboldt (1769-1859).

conjunto de possibilidades de entre as quais o homem escolhe aquelas que entender serem da sua preferência. Possui igualmente uma terminologia exclusiva, de que os conceitos de *Lebensraum*, *Raumsinn*, e *Heartland* constituem apenas alguns exemplos. Mas também se encontra subjacente à geopolítica um caráter prático, na medida em que fazendo uso do seu corpo teórico, a geopolítica poderá assumir o papel de *Wegweiser*, e assim influir na formulação, condução ou até na desistência de uma política interna ou externa de um Estado ou dirigente político.

Será ainda de relembrar a existência de vários fatores influentes no espaço geopolítico, por um lado variáveis, e por outro, estáveis que, desta forma sistematizados e recuperados por Marini na sua obra, nos permitem melhor compreender as dinâmicas que afetam o objeto de estudo da geopolítica. O mesmo se poderá dizer dos denominados produtos de interação e da sua importância relativamente ao espaço geopolítico.

Esperamos ter contribuído para uma melhor clarificação das origens e do desenvolvimento da geopolítica que, como verificámos, não surgiu de forma isolada. Deste modo, a geopolítica teve como ponto de partida o corpo teórico da geografia política de Friedrich Ratzel, um alemão; nasceu de um neologismo criado por um sueco germanófilo, Rudolf Kjéllen; o seu texto fundador enquanto ciência nasceu de um inglês, Halford John Mackinder; e desenvolveu-se efetivamente como ciência novamente com um alemão, Karl Haushofer, que devido à alegada aproximação com os dirigentes políticos do nacional-socialismo e à política expansionista agressiva levada a cabo por estes, acabou por ser considerado como o responsável pelo desenvolvimento de uma “ciência maldita”. Quando Haushofer mais não foi do que uma vítima do nacional-socialismo e da utilização deturpada da geopolítica por Adolf Hitler, como comprovámos anteriormente.

Por fim, o nosso estudo pretende colaborar de algum modo no esforço de recuperação da “Escola Geopolítica Portuguesa”, de forma a poder verificar-se crescentemente um maior e melhor esclarecimento – de maneira clara e isenta – daquele que é o ponto de partida da geopolítica, nomeadamente quanto o seu objeto e métodos de estudo, e, por conseguinte, abrir portas à elaboração de novas teorias no quadro deste saber multidisciplinar, e da designada de “Nova Geopolítica” por Correia (2004: 245-249), que se encontra ainda em formação e desenvolvimento num mundo globalizado e caracterizado por constantes mudanças económicas, sociais, culturais, políticas e ambientais no tempo e no espaço.

Referências

Almeida, P. (1990). *Do Poder do Pequeno Estado: Enquadramento Geopolítico da Hierarquia das Potências*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Políticas.

- Bessa, A. e C. Dias (2007). *O Salto do Tigre*. Lisboa: Prefácio.
- Correia, P. (2004). *Manual de Geopolítica e Geoestratégia*. Coimbra: Quarteto.
- Coutau-Bégarie, H. (2008). *Traité de Stratégie*. Paris: Economica.
- Couto, A. (1988). *Elementos de Estratégia* (Vol. 1). Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Defarges, P. (2003). *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva.
- Dias, C. (2005). *Geopolítica: Teorização Clássica e Ensinos*. Lisboa: Prefácio.
- Fernandes, J. (2002). *Da Geopolítica Clássica à Geopolítica Pós-moderna: entre a Ruptura e a Continuidade*. Disponível em http://www.jptfernandes.com/docs/art_acad_geopolitica.pdf.
- Fernandes, J. (2003). *A Geopolítica Clássica Revisitada*. Disponível em http://www.jptfernandes.com/docs/art_acad_geopolitica_rev.pdf
- Fernandes, M. (2009). *O Papel da Geopolítica na Posição da Alemanha na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. [Tese de Mestrado].
- Fernandes, M. (2011). “O Papel da Geopolítica na Posição da Alemanha na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais”. *Revista Nação e Defesa* n.º 129, pp. 263-287.
- Fontoura, L. (2006). *O Poder na Relação Externa do Estado: a Equação de Cline*. Disponível em <http://www.adelinotorres.com/relacoesinternacionais/Luis%20Fontoura-Poder%20e%20Estado.pdf>
- Gallois, P. (1990). *Geopolitique: Les Voies de la Puissance*. Paris: Plon.
- Gardiner, P. (2008). *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Haushofer, K. (1986). *De la Géopolitique*. Paris: Fayard.
- Korinman, M. (1990). *Quand l'Allemagne Pensait le Monde*. Paris: Fayard.
- Lorot, P. (1995). *Histoire de la Géopolitique*. Paris: Economica.
- Losano, M. (2005). “I ‘Grandi Spazi’ in un Inedito Progetto di Trattato del 1943 fra gli Stati dell’ Asse”. *Rivista degli Studi Orientali*, (LXXVIII), pp. 281-303.
- Losano, M. (2007). “La Missione Militare di Haushofer in Giappone e la Geopolítica”. *Rivista degli Studi Orientali* n.º 20-22, pp. 223-236.
- Mackinder, H. (1904). “The Geographical Pivot of History”. *The Geographical Journal* (XXIII), pp. 421-437.
- Mackinder, H. (1943). “The Round World and the Winning of the Peace”. *Foreign Affairs* n.º 4, pp. 595-605.
- Marini, J. (1985). *El Conocimiento Geopolítico*. Buenos Aires: Circulo Militar.
- Murphy, D. (1997). *The Heroic Earth: Geopolitical Thought in Weimar Germany, 1918-1933*. Kent: The Kent State University Press.

- Nogueira, J. (2007). "Em Jeito de Introdução...". *Geopolítica* n.º 1, pp. 11-17.
- Opitz, A. (Ed) (1998). *Sociedade e Cultura Alemãs*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Parker, G. (1985). *Western Geopolitical Thought in the Twentieth Century*. Oxford: Taylor & Francis.
- Ratzel, F. (1988). *Géographie Politique*. Paris: Economica.
- Santos, E. (2008). *A NATO no Século XXI*. Lisboa: Tribuna da História
- Tuathail, G. (2006). *The Geopolitics Reader*. London: Routledge.
- Vives, J. (1972). *Tratado General de Geopolítica*. Barcelona: Editorial Vicens-Vives.